

## **ARTE COMO CUIDADO: EXERCÍCIOS POÉTICOS DE PERCEPÇÃO, DURAÇÃO E MEMÓRIA**

### **ART AS CARE: POETIC EXERCISES OF PERCEPTION, DURATION AND MEMORY**

Elivelto Alves de Souza

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

elivelto.souza@gmail.com

Helene Gomes Sacco

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

sacco.h@gmail.com

**Linha 2:** Poéticas visuais e processos de criação.

#### **Resumo**

O artigo tem origem na linha de pesquisa de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, no contexto das Artes Visuais Contemporâneas, em diálogos com a Literatura, o Urbanismo e a Filosofia. A reflexão parte da pesquisa de mestrado em desenvolvimento e investiga as implicações da produção do sensível em uma cidade que abandona suas casas e, por conseguinte, suas memórias e histórias nelas ancoradas. Discute as estratégias de aceleração e apagamento engendradas pelo mundo contemporâneo e analisa os dispositivos de resistência desenvolvidos a partir da produção artística, suas implicações sobre percepção, duração e memória. Por fim, propõe o cuidado como gesto poético, uma ação de resistência potente no cotidiano que procura promover, por via da arte, o pensamento e a reinvenção da relação ordinária que estabelecemos com os lugares, as pessoas e a vida.

**Palavras-chave:** Arte contemporânea; Percepção-sensível; Cuidado; Cotidiano.

#### **Abstract:**

The article originates from the research line called Creation Processes and Poetics of the Everyday Life, in the context of Contemporary Visual Arts, in dialogue with Literature, Urbanism and Philosophy. The reflections start from the ongoing research of my master's degree in Visual Arts and investigates the implications of the production of the sensible one in a city which abandon its houses and consequently, its memories and histories. It debates the strategies of acceleration and erasure engendered by the contemporary world and analyzes the resistance's dispositive developed from the artistic production and its implications on perception, duration and memory. Lastly, it proposes the act of caring as a poetic gesture, an action of powerful resistance against the daily life; it seeks to promote, through art, the reflection and reinvention of the ordinary relationships we establish with places, people and life.

**Keywords:** Contemporary art; Sensitive perception; Care; Quotidian;

## Introdução

Em *Utopias de um homem que está cansado*, texto publicado no *Livro de areia* (2009), o escritor argentino Jorge Luis Borges engendra um diálogo entre dois personagens: um deles, nascido na cidade de Buenos Aires em 1897, professor de letras e escritor de contos fantásticos, chamado Eudoro Acevedo; e outro, que habita um futuro sem memórias, distópico, a quem lhe chamam Alguém. A conversa acontece em uma espécie de viagem no tempo de Eudoro a um outro século, a um lugar em que já não há cidades, museus ou bibliotecas, e que do passado restam-lhes apenas alguns nomes dos quais a linguagem tende a esquecer (BORGES, 2009, p. 76). Um futuro perdido em meio a uma amnésia coletiva, em que telas são pintadas quase em branco, com cores que antigos olhos não podem ver. “Nas escolas nos ensinam a dúvida e a arte do esquecimento. Antes de tudo o esquecimento de coisas pessoais e locais” (Idem, p.76), diz-lhe Alguém a Eudoro.

Nesse futuro hipotético criado por Borges, todos se dedicam a esquecer (e esquecem) o passado. “Não há cronologia nem história” (Idem, p. 76) e, portanto, não há importância em preservar memórias, reter vestígios. Uma distopia que se desvela neste tempo presente, em que, imersos à uma prática de apagamento engendrada pela aceleração e consumo dos tempos que correm, somos gradativamente instabilizados quanto à capacidade de alteridade, de experiência e de percepção sensível. Quase não há sentido no guardar, no preservar. Livros são descartados ou queimados. A cidade abandona suas casas, suas memórias e histórias nelas ancoradas. Abandona, sincronicamente, todos aqueles que não têm onde morar, a história e a vida dessas pessoas.

Em uma lógica avessa a essa, em um ritmo lento, com respiros profundos e um olhar calmo, atento, que deseja guardar o que vê, encontro na arte a abertura para pensar a sobrevivência do lugar sob uma perspectiva do cuidado. Percebo que os gestos que envolvem a criação de meus trabalhos se dirigem a um movimento de convite ao ver, ao sentir, escutar, ao estar junto, ao perceber-se. Noto que, na criação, o gesto que eu procuro diz respeito ao cuidado. Cuidando, sinto que me envolvo com o mundo numa relação mais estreita. Percebo que esse gesto, poético para mim, pode culminar em uma ação potente no cotidiano: como resistência ao apagamento e aceleração engendrados pelo mundo contemporâneo, encontro nele

a possibilidade para pensar a reinvenção da relação ordinária que estabelecemos com os lugares, as pessoas e a vida.

“Cuidar” etimologicamente deriva da palavra latina *cogitare*, que significa “agitar o pensamento”. Dela deriva a palavra “cuidado”, do latim *cogitatu*, que se refere a “pensamento”, “reflexão”, de onde vem “preocupação”, “cautela”, “atenção”. Sabe-se, pois, que pensar não é uma atividade banal. Para o filósofo francês Gilles Deleuze, pensamos por absoluta necessidade, através de uma força ou impulso que de fato nos atravessa. “Há no mundo uma coisa que nos força a pensar. Esse algo é o objeto de encontro fundamental e não de uma simples reconhecimento” (DELEUZE, 2000, p. 251). Nesse sentido, penso que o que nos força a pensar pode também nos levar a capacidade de cuidar.

Com origem em minha produção artística<sup>1</sup>, a reflexão da qual parto nesse artigo situa-se no contexto das Artes Visuais Contemporâneas, em diálogos com a Literatura, o Urbanismo e a Filosofia, e propõe-se a investigar as implicações da produção do sensível e a desenvolver (re)ações entre percepção, duração e memória. Para tanto serão abordados, brevemente, três trabalhos artísticos intitulados *cuidar, demorar-se, penetrar* (2018), *ser-farol, perceber a cidade* (2018) e *leitura e escrita do mundo* (2019), realizados a partir de fotografias, textos e publicações artísticas, por meio de uma poética que se relaciona à construção de uma presença atenta, que busca cultivar um tempo mais generoso e soma-se a uma força perceptiva sensível, da ordem do cuidado.

### **Perceber o mundo, habitar o tempo**

Vivemos, nesses tempos que correm, uma incessante demanda por produtividade, rendimento, eficiência e atualização. Por conseguinte, somos conduzidos a uma existência anestesiada que nos embrutece, tornando-nos menos sensíveis à percepção do mundo e mais limitados quanto à capacidade de atenção, de alteridade e de uma experiência na qual possa realmente se constituir. Imersos em uma rotina que exige que realizemos diversas atividades ao mesmo tempo e atingidos por um grande número de informações geradas por meio de sons,

---

<sup>1</sup> Produção artística conectada à linha de pesquisa de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano do Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (PPGAV /UFPel), do qual integro, com bolsa cedida pela CAPES.

imagens, vídeos, anúncios, produtos, somos induzidos a estímulos constantes que nos conduzem à hiperatividade.

Segundo o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, em *Sociedade do cansaço* (2017), esse excesso de estímulos pode modificar radicalmente a estrutura da atenção, destruindo nossa capacidade contemplativa. O autor nos diz que a atenção profunda, contemplativa, à qual deixamos de ter acesso por conta da hiperatividade, seria a possibilidade de mergulharmos nas coisas, de criarmos o novo e de criarmos novos mundos. “Pura inquietação não gera nada de novo, apenas reproduz e acelera o já existente” (HAN, 2017, p. 34), é, pois, no demorar-se contemplativo que também nasce a possibilidade de um envolvimento mais profundo com as coisas; desperta-se a chance de ter-se uma experiência, um estado de duração que resiste à hiperatividade. A atenção testa as durações de tempo, experimenta o tédio e desafia os relógios.

A impossibilidade de uma atenção profunda gera uma crise de presença que afeta não apenas o modo como percebemos, mas também a nossa relação com o tempo. Submetidos à lógica de aceleração, produção e consumo, substituímos todos os tempos possíveis pelo tempo da máquina para, então, viver a coação do tempo cronológico, linear. Nos moldamos sob uma perspectiva de otimização que faz com que o nosso tempo seja transformado em trabalho e produção. Resignados a esse tempo, não encontramos espaço ao ócio, ao inesperado, ao acontecimento e, portanto, não encontramos também o espaço para momentos de contemplação – uma das bases para o pensamento e para a experiência sensível e criativa.

Em *Ensaio sobre a cegueira* (1995) o escritor português José Saramago nos apresenta uma realidade distópica em que o mundo entra em caos pela inesperada perda de visão de seus habitantes. Consequência da aceleração e do excesso de imagens a qual estamos submetidos diariamente e que tendem a influenciar a nossa relação com o mundo, a cegueira branca, a qual fala o escritor, revela-nos uma realidade na qual há uma grande cegueira generalizada em que se pode ver, mas não de fato enxergar as coisas para além de sua superfície. Afinal, como percebemos o mundo através de um olho que esconde um corpo e seus sentidos?

Na sentença “se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”, Saramago (1995) nos mostra o quanto o verbo reparar é dar atenção, olhar com mais afinco, como

também voltar a pôr em funcionamento, de consertar as coisas no sentido de uma aproximação outra com suas formas. Entretanto, temos esquecido que reparamos com todo o corpo, através de nossos sentidos e de nossa memória; que percebemos porque nos envolvemos com uma determinada situação ou contexto e, antes mesmo, porque nos dedicamos a um estado de presença e a um tempo mais generoso que propiciam este envolvimento. A cegueira branca de Saramago talvez se explique ao entendermos que o mundo da percepção, nos revelado a partir de nossos sentidos e pela experiência, fica restrito, hoje em dia, apenas a visão, impossibilitando a nossa capacidade de percepção sensível.

Sabe-se, historicamente, que o pensamento científico, para se afirmar como verdade, dividiu-se em mundo sensível e mundo inteligível. Orientada por esse pensamento, a visão foi capturada do mundo sensível como garantia para sustentar a verdade e o conhecimento. Considerada a que mais se aproxima do intelecto, ela se torna, portanto, a mais importante dos sentidos. O que explica a hegemonia da visão na contemporaneidade, constantemente reforçada pela multiplicação de imagens manipuladas e produzidas em massa, bem como explica as formas de dominação que indiretamente nos chegam por meio dela. Segundo a arquiteta e urbanista brasileira Ana Paula Vieceli:

É através da visão que o homem é capturado e seduzido, numa investida que atinge a todos como parte do mesmo sistema. O olhar se torna, assim, um ato passivo diante das imagens, e passa por um processo de transformação na medida em que se sofre constantes investidas de domesticação, pré-orientação e pré-condicionamento (VIECELI, 2017, p. 96).

Ficamos cegos por meio da saturação de imagens e suas tentativas de dominação. Restringidos apenas ao olhar, não percebemos que temos um corpo e, assim, limitamos nosso contato com o mundo. Negamos a dimensão real de existência do corpo, ignoramos nossos sentidos e abdicamos da experiência, “a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque” (LARROSA, 2001, p. 24). Somos conduzidos a um estado de alienação e isolamento: “não há mais um olho no corpo, mas sim um corpo atrofiado, escondido atrás do olho” (VIECELI, 2017, p. 96).

Nesse sentido, a cegueira branca de Saramago é também a cegueira branca da cidade, uma metáfora para pensarmos na pobreza das experiências e dos olhares superficiais que enlaçam a nossa relação com a cidade hoje. Ela se impregna no

cotidiano revelando a crise de nossa sociedade. Ao passo que esquecemos nosso corpo e abandonamos a experiência, o modo como afetamos e somos afetados pela cidade também é modificado. Como uma percepção sensível poderia modificar esse cenário? Quais são as forças que estão presentes na capacidade de ver, olhar, reparar, perceber, de fato? Uma presença atenta poderia nos levar a um envolvimento capaz de uma percepção sensível, da ordem do cuidado?

De acordo com o filósofo francês Michel Serres (2013), a percepção garante as coisas do mundo, e a capacidade de perceber não somente sensibiliza os sujeitos, mas o ato de perceber pode mudar o percebido, pois, “quanto mais percebemos, mais o mundo existe, menos ele arrisca fracassar” (2013, p. 83-84). De acordo com o autor, o ato de perceber implica numa ação ativa capaz de transformar o que é visto, posto que se apresenta acompanhado de um gesto possível de mantê-las e reinventá-las no mundo, reafirmando assim a sua existência.

Ao observarmos a Arte Contemporânea, vemos que existem uma série de produções que se direcionam não ao grande evento extraordinário, mas ao cotidiano, ao dia a dia, aquilo que de fato configura a vida. Com o intuito de nos convidar a perceber o cotidiano, elas investigam as formas de ressignificar poeticamente a nossa relação com o mundo em diferentes espaços, nos fazendo retomar a consciência corporal e as extensões perceptivas espaço-temporais. Nesse sentido, nos fazem entender que perceber atentamente a forma como habitamos o lugar pode nos dizer muito mais do que imaginamos. As artes que revelam práticas de espaço desvelam tanto os lugares de poder, quanto as sutis formas de vida e de resistência.

### **Cuidar o mundo poeticamente, ser percepção-farol**

Partindo da compreensão de arte como experiência, procuro desenvolver trabalhos que consigam promover estados de percepção mais sensível como uma aposta na experiência de aproximação com o mundo. Para o filósofo John Dewey “toda experiência é resultado da interação entre a criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive” (DEWEY, 2010, p. 122), é sempre uma experiência vinculada a um lugar, um contexto, uma historicidade, uma vida. É de uma ideia de presença ativa no mundo que este conceito de experiência emerge. Por isso mesmo ela abre sempre uma dimensão política. Para Dewey, uma das funções da

arte seria eliminar o preconceito, retirar os antolhos que impedem os olhos de ver, rasgar os véus decorrentes do hábito e do costume, aprimorar a capacidade de perceber (DEWEY, 2010, p. 548).

Através de ações urbanas, projetos propositivos e publicações artísticas, que se exprimem por via da palavra e fotografia, meus trabalhos relacionam-se à procura de um contato com um tempo mais generoso e com uma percepção que pede olhos para reparar. Nesse sentido, meu processo de criação relaciona-se a uma experiência estética e reflexiva na qual a arte se revela como território de afetos e processos, em que penso o cuidado como resistência a um mundo que se apresenta acelerado e por vezes pouco sensível. Dessa forma, busco na arte modos de pensar esse gesto como revitalização das formas de ser e estar no mundo, questionando suas configurações no cotidiano da vida e nas relações que com o mundo tecemos.

Meus trabalhos e o processo que os antecipam se dão no cotidiano, nas relações que estabeleço com a cidade e nas trocas que surgem desses contatos. É no cotidiano, pois, que as sensibilidades se constroem para mim. No entanto, o cotidiano é também ausência de sensibilidades, de olhares atentos e calorosos, em que tudo já está em um lugar pré-estabelecido e que, talvez por isso, perdemos a capacidade de nos sensibilizar, de nos afetar. Contudo, e ainda assim, é no cotidiano onde podemos buscar uma nova forma de relação com os lugares, com as pessoas, de deixar-nos sensibilizar pelas experiências. E, por isso, é através dele que procuro pensar as possibilidades para reinvenção da relação ordinária que estabelecemos com a cidade e com as interações construídas nela, como o estar, o perceber, o habitar.

Pergunto-me de que forma eu habito o mundo e, em seguida, sobre o que entendo pela noção de casa para o desenvolvimento dessa reflexão. Encontro o que pensar nas poesias de Ana Martins Marques, no livro *Como se fosse a casa: uma correspondência* (2017), escrito em parceria com Eduardo Jorge. Em um dos poemas, Marques escreve que sua casa é constituída dos *seus retratos, seu casaco de feltro, sua miopia, a criança que foi e segue sendo, a árvore em frente à casa, o modo como cresceu, o cão de rua que não é seu, mas que acontece de estar ali* (MARQUES, 2017, p. 42-43). Composta por toda a sorte de coisas que

me fazem sentir pertencido a um lugar e a meu próprio corpo, desde hábitos até memórias, penso que minha casa também são todas essas coisas de que diz Marques e, ainda, todo o meu corpo que a percebe e tenta cuidá-la.



Figura 1. Elivelto Souza. Sem título. Fotografia digital, 2018. Fonte: acervo do artista.

Em 2018 precisei sair da casa em que morei desde meu nascimento. A casa teve sua estrutura balançada pelas duras durações de tempo, das intempéries, do desgaste e da erosão. Os ventos fortes, as chuveiradas, o trabalho constante dos cupins no madeiramento do telhado e no piso de parkê... tudo parecia levá-la à ruína, numa força contrária a que eu e minha mãe doávamos a ela, que era da ordem de um tempo mais generoso, neguentrópico<sup>2</sup>, do cuidado diário com a casa. Precisamos sair e levamos tudo da casa, da mobília aos objetos que redescobrimos possuir no dia da mudança. Compreendia, assim como Marques (2017), que minha casa não era apenas aquela estrutura que seria ali deixada, entretanto, ainda não havia pensando na relação dela com seus objetos, em como eles também compunham o meu imaginário de casa. Mais tarde, lendo *Aspectos de uma casa* (1979), de Carlos Drummond de Andrade, uma série de seis poemas em que o

---

<sup>2</sup> Relativo à entropia negativa. Fator de organização que se opõe a tendência natural da desordem de um sistema (SERRES, 2013).

poeta faz uma leitura do espaço íntimo das casas e das pessoas que as habitam a partir de seus objetos, compreendi que minha casa era constituída de todos os objetos que a compõem e de todos os usos que se fazem deles e, ainda, da forma que são usados ou inutilizados. Assim, ao ir embora, tive certeza que levava parte da minha casa no caminhão de mudança. Entendia que levávamos, de certo modo, a casa conosco.

Mesa, cama, sofá, cadeiras, pratos, talheres e toda a sorte de objetos que compõem uma casa foram empilhados na garagem da casa que nos hospedou, ficando eles em desuso por todo tempo que precisamos estar fora. Uma casa resumida a esse espaço, essa garagem, dentro de uma casa que não era ela mesma. Situação que, mesclada a outras tantas que já me interessavam, me levou a criação do trabalho intitulado *cuidar, demorar-se, penetrar*<sup>3</sup> (2018).



Figura 2. Elivelto Souza. *Cuidar, demorar-se, penetrar*. Publicação artística, 2018. Fonte: acervo do artista.

Será que as coisas continuariam existindo em potência se todos nós deixássemos de percebê-las? O que seria, por exemplo, de uma casa sem um morador que a perceba? Que abre as janelas, bate os tapetes, espanta as pragas, tira o pó que se acumula nos móveis. Um morador que, assim como um farol, doa à casa gestos que a iluminam, a protegem e fazem com que ela resista; gestos de cuidado que se encontram no perceber. A casa continuaria existindo sem o seu morador? Motivado por essas reflexões o trabalho é, além de um gesto poético de cuidado

---

<sup>3</sup> Publicação artística exposta no “16º Projeto Armazém no MASC: o mundo como armazém”, no Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), na cidade de Florianópolis, SC, no ano de 2018.

que pretendia devolver o telhado a minha casa, o desenrolar de reflexões sobre tempo, percepção, presença e cuidado, em uma conversa com Michel Serres em *Tempo, erosão: faróis e sinais de bruma* (2013). O trabalho, que trata de olhos que procuram a garantia e renovação das coisas, se dá pela contraposição entre uma casa abandonada e outra habitada, e de meus jardins e plantações de tomates. Composta por fotografia e texto, a publicação artística visa uma narrativa capaz de despertar centelhas perceptivas, um estímulo a sensibilidade.

Entretanto, mesmo antes desse trabalho eu já me interessava em pensar a cidade e suas casas, sobretudo a contraposição entre casas habitadas e casas abandonadas ou em ruína. A primeira, habitada, é, para mim, como uma metáfora para aquilo que olhamos, percebemos e que, como consequência, também cuidamos. A segunda, abandonada ou em ruína, uma metáfora para algo que deixou de ser olhado, percebido e, portando, não é cuidado, chegando ao estado de abandono, de ruína. Atravessado por essa metáfora do percebido e não-percebido a partir das casas – habitada e em ruína – fui levado ao processo de criação de outros dois trabalhos, intitulados *Ser-farol, perceber a cidade* (2018) e *Leitura e escrita do mundo* (2019).

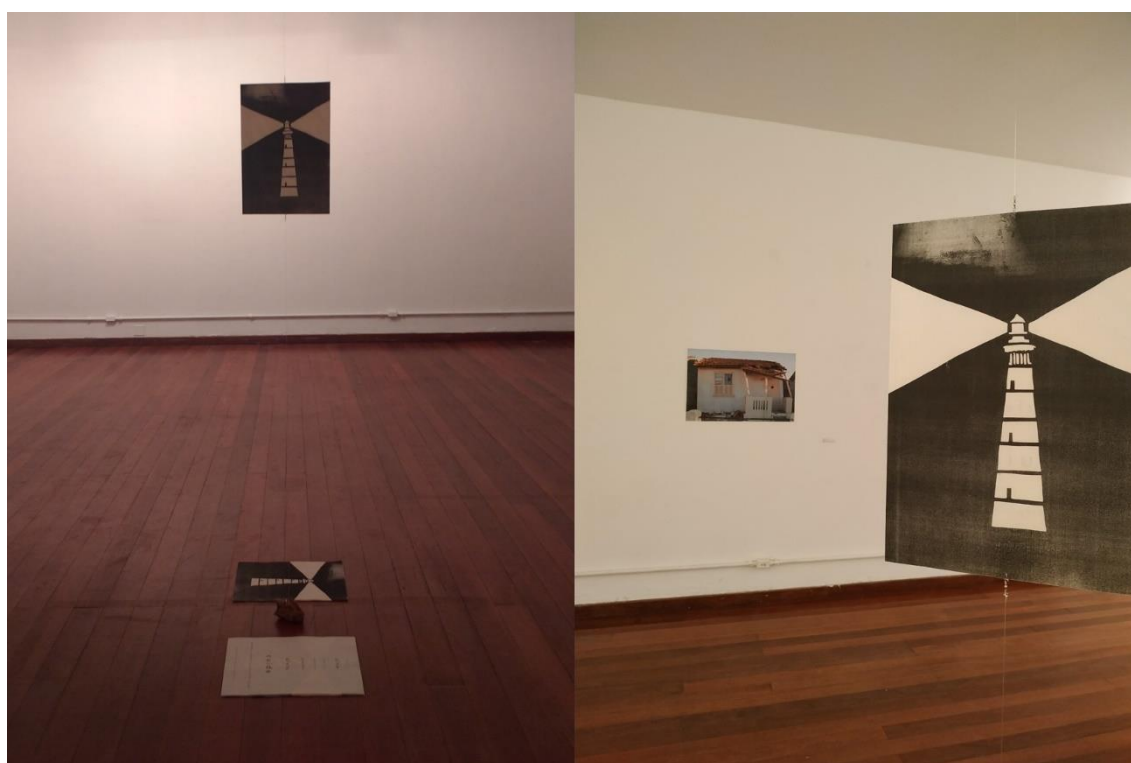


Figura 3. Elivelto Souza. *Ser-farol, perceber a cidade*. Instalação. 2018. Fonte: acervo do artista.

O farol, uma torre elevada que emite intensa luz e sinal sonoro, guia os navios e aviões durante a noite. Sua luz, que se direciona às estrelas ou tempestades, oferece proteção. O som da sirene atravessa as tempestades, seus raios salvam a vida das naves e dos marinheiros. Do mesmo modo, do que seria capaz um corpo-farol?

*Ser-farol, perceber a cidade*<sup>4</sup> (2018) nasceu de uma reflexão sobre uma cidade em estado de abandono e descuido, que tem suas memórias perdidas pelo processo de apagamento de suas casas. Como uma espécie de instalação, ele é formado por uma fotografia de casa em ruína e por um eixo vertical constituído de fio de náilon preso entre o teto, por um gancho metálico, e o chão, por um pequeno pedaço de ruína. Essa espécie de eixo permitia com que o cartaz lambe-lambe ficasse girando na sala de exposição como, de fato, gira um farol. No chão, duas pilhas de lambe-lambes ficavam a disposição para serem levadas pelo público.

O trabalho propunha aos visitantes o convite a experimentação dos espaços urbanos através de um corpo-farol, capaz de ativar uma percepção da ordem do cuidado. Instigava, assim, a experimentar a cidade com um olhar mais atento, miúdo, a perceber o pedido que as coisas fazem. Ativando, de certo modo, uma percepção-farol em direção as coisas que deixaram de ser percebidas.

Em *Leitura e escrita do mundo*<sup>5</sup> (2019), exponho o processo que alia imagem, palavra e publicação artística, em que proponho uma espécie de leitura e escrita do mundo através de uma narrativa poética que faz referência as implicações do percebido e não percebido no cotidiano. Um dos diferenciais desse trabalho está no processo que o antecede, marcado pelo meu deslocamento pela cidade acompanhado de uma observação atenta que se voltava, sobretudo, para suas casas. Em um ritmo lento e com um olhar calmo, fora do compasso, com respiros profundos, me ative na observação de casas habitadas e abandonadas, escrevendo no caderninho que carrego comigo algumas palavras sobre o que lia dessa observação. Aliava, dessa forma, uma prática de leitura e escrita.

---

<sup>4</sup> Trabalho compõe a exposição coletiva “DES/ARTiculações Extemporâneas”, realizada na galeria A Sala, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, na cidade de Pelotas, RS, entre dezembro de 2018 e março de 2019.

<sup>5</sup> Trabalho apresentado na exposição coletiva “ANTE|VER|TER”, que integrava as ações do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), no evento da “17ª Semana Nacional de Museus”, que aconteceu na cidade de Pelotas, RS, em maio de 2019.



Figura 4. Elivelto Souza. *Leitura e escrita do mundo*. Fragmento da série, 2019. Fonte: acervo do artista.

Mas, afinal, para onde meu olhar se desloca quando, no cotidiano, me atendo à observação de uma casa? Nas casas habitadas, o meu interesse de observação, na maioria das vezes, não se dá pelo seu interior, mas por alguns elementos que posso imediatamente identificar como sinal de habitação. A roupa estendida no varal, os tapetes postos em cima do muro para arejar (os objetos e coisas em deslocamento do seu lugar comum para uma manutenção da vida?), a existência de um jardim, as plantas escolhidas para compô-lo, a presença de alguns animais de estimação, o tamanho da caixa de correio. Elementos que me fazem pensar em uma forma de habitação ancorada em questões do cuidado. Pequenas coisas que escorrem de uma complexa estrutura de interioridade para o lado de fora, mostram um pouco do que pode ser o lado de dentro, revelam uma certa intimidade do dono, da dona. A esses elementos que escorrem para o lado de fora da casa, evidenciando gestos de cuidado de seus moradores para com ela, escrevi em meu caderninho a seguinte frase: *as coisas ordinárias como patrimônio da vida*. E, em seguida, fotografei a casa, repetindo o processo para as demais em que também percebia os gestos de cuidado revelados pelo habitar.

Para as casas em estado de abandono ou em ruína, escrevi a frase intitulada “patrimônio infraordinário”, que usei no gesto para compor as outras fotografias, repetindo o mesmo método da situação anterior. Essas casas me falam justamente de uma ausência ou de uma fresta na cidade, um patrimônio que talvez se encontre em uma camada abaixo do ordinário. Uma parte de um todo que tem sua história

interrompida, deixada de lado, esquecida. Entendo que os motivos sejam diversos – às vezes as casas perdem seus donos, não são necessariamente eles que as abandonam –, mas, também, há casos de abandono que estão calcados por algum interesse em específico, como os que estão alinhados à lógica de consumo desenfreado desses tempos que correm, que tem como uma das reverberações a produção constante do novo, da busca pelo substituível, em que não há lugar para o sujo, o gasto, o velho.

A cidade, seguindo essa lógica, começa a sofrer os efeitos de um pensamento desenvolvimentista, de assepsia urbana e “higienização”. Esse pensamento, que vê a cidade separada de um corpo e de suas memórias, não vê sentido em preservar, em cuidar, e, por isso, abandona suas casas. Nesse sentido, o meu movimento de observação para casas abandonadas ou em ruína não é o de indicar uma nostalgia do passado irrecuperável, mas o de propor uma reinvenção da relação ordinária que estabelecemos com a cidade; é ser atitude de resistência frente a este cenário.

Mas, afinal, o que mantém uma casa de pé? Arrisco-me a dizer que é nossa percepção. Aquela que atravessa todos os sentidos ao mesmo tempo, que faz com que vejamos com o corpo todo e, como resposta ao que vemos, repara a pintura, conserta a goteira, o assoalho, a torneira. Cuida. Cuida porque reconhece e valoriza o que há por entre cada memória de todas as coisas que compõem um lugar e o fazem ter sentido. É por esse pensamento que se dá o meu processo poético e a minha relação com o cotidiano: perceber as coisas para compreender o pedido que elas me fazem. Por meio de um agir poesia que se revela num estado de atenção, de presença atenta e de percepção sensível, penso no que esse gesto é capaz

Segundo o escritor, poeta e crítico Christian Prigent, em *Para que poetas ainda?* (2017), é por meio de um lugar de reflexão definido pelo incômodo, pela intranquilidade, que não apresenta certezas ou respostas definitivas, que a poesia instabiliza as “verdades” do senso comum, a bagunça e nos permite pensar e imaginar outras possibilidades do real, da vida. Para o autor, as palavras da poesia se vinculam de forma livre, fora da lógica ordinária da língua e, por isso, são políticas. Aproximando o pensamento de Prigent para o meu pensamento poético, acredito que a poesia com a qual me expresso – não literária, mas que se dá por

meio de processos de criação na arte – pode contribuir para o alargamento da percepção comum, ao mesmo tempo em que procura desvelar estruturas de poder que nos embrutece e, portanto, nos fazem menos sensíveis à percepção do outro e do mundo. Em diálogo com esse pensamento, Edson Sousa, em *Uma invenção da utopia* (2007), aponta:

Precisamos cada vez mais de um pensamento poético que, uma vez instaurado, produza efetivamente um fazer político no sentido pleno da palavra. A produção poética revigora a língua, toca com coragem no limite do dizível, contorna com determinação as fronteiras do informe. Produz, portanto, um pensar contra. Assim busca esburacar o véu de cegueira que a racionalização e o tecnicismo contemporâneo nos impõem (SOUSA, 2007, p.35).

Um pensamento poético produz um fazer político que instaura um campo crítico que revela a realidade por outras formas e linguagens, se colocando como atitude de resistência a algumas configurações do modo de vida contemporâneo e contribuindo, assim, para o alargamento da percepção comum. Dessa forma, em minhas investigações, parto do pensamento poético para compreender a percepção enquanto capacidade humana sensível, ética, poética e política – capaz de desvelar estruturas, instaurar reflexões críticas e superar o próprio senso comum. A percepção abre espaço, cria um lugar de encontro da vida, da arte.

### **Considerações Finais**

As atribuições da vida pouco a pouco nos roubam tempo e atenção para um envolvimento com o mundo, limitando nossa capacidade de percepção-sensível. Entretanto, a partir de uma interferência entre arte e vida, busco enfatizar que a experiência com a arte pode criar uma consciência sobre as coisas do mundo e, quem sabe, contribuir chamando a atenção daqueles que vivem a coação e cegueira impostas pela lógica embrutecedora dos tempos que correm.

Dentro dessa perspectiva, a minha pesquisa poética analisa algumas configurações do modo de vida contemporâneo e pensa o lugar da arte como atitude de resistência. Em entrelaçamento com a vida, a arte é capaz de promover uma percepção mais alargada e um tempo mais generoso que podem colaborar para a capacidade de cuidar, um gesto que configura uma relação mais estreita e envolvida com a realidade da vida. Nesse sentido, entendo o cuidado como gesto poético, uma ação de resistência potente no cotidiano que procura promover, por

via da arte, o pensamento e a reinvenção da relação ordinária que estabelecemos com os lugares, as pessoas e a vida.

## **Referências**

- BORGES, Jorge Luis. *O livro de areia*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Lisboa: Relógio D'água, 2000.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2017.
- LARROSA, Jorge Bondía. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação, n 19, 2012, p. 20-28.
- MARQUES, Ana Martins. *Como se fosse a casa: uma correspondência* / Ana Martins Marques; Eduardo Jorge. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.
- PRIGENT, Christian. *Para que poetas ainda?* Tradução de Inês Oseki-Dépré e Marcelo Jacques de Moraes. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2017.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SERRES, Michel. *Tempo, erosão: faróis e sinais de bruma*. In: WOOLF, Virginia. O tempo passa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 63-92.
- SOUSA, Edson Luis André de. *Uma invenção da utopia*. São Paulo: Lumme Editor, 2007.
- VIECELI, Ana Paula. NUBIFERAÇÕES URBANAS. PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, v. 1, p. 94-113, 2017.

## **Currículo**

### **Elivelto Alves de Souza**

Artista e pesquisador. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (PPGAV/UFPEL) na linha de pesquisa de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, com bolsa cedida pela Capes. Possui graduação em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas (2018).

### **Helene Gomes Sacco**

Artista, pesquisadora e professora. Possui doutorado (2014) e mestrado (2009) em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV/UFRGS). É professora colaboradora no Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas e professora nos cursos de graduação em Artes Visuais e Design da mesma instituição.